**A VIOLÊNCIA NA, DA E CONTRA A ESCOLA EM UM COLÉGIO DE FOZ DO IGUAÇU [[1]](#footnote-1)**

**VIOLENCE IN, FROM AND AGAINST SCHOOL IN A COLLEGE OF FOZ DO IGUAÇU**

Irani Batista de Araújo[[2]](#footnote-2)

**RESUMO**

O presente texto aborda uma visão da violência escolar entre adolescentes no colégio do bairro Porto Belo na cidade fronteiriça de Foz do Iguaçu. O artigo apresenta as manifestações praticadas pelos interlocutores que frequentam a instituição de ensino. As práticas apresentadas estão relacionadas tanto aos problemas internos (desacato, agressão verbal e física, ameaça), como aos externos (contrabando e tráfico de drogas) do cotidiano escolar. As informações, contidas no artigo, têm como base os dados obtidos na pesquisa de campo - realizada na instituição de ensino estadual do bairro, no ano de 2014 – nas entrevistas abertas e através das respostas fornecidas pelos adolescentes, professores e funcionários.

**Palavras-chave:** Adolescente; Escola; Violência

**ABSTRACT**

This paper is about a vision of school violence among adolescents in college Porto Belo neighborhood in the border city of Foz do Iguaçu. The article presents the manifestations committed by partners who attend the educational institution. The practices presented are related both to internal problems (contempt, verbal and physical aggression, threat) as to external (smuggling and drug trafficking) in the school routine. The information contained in the article, are based on data obtained in the field research - carried out in state educational institution of the district, in 2014 - in open interviews and through the answers given by teenagers, teachers and staff.

**Key-words:** Adolescent; School; Violence

**Introdução**

A violência[[3]](#footnote-3) sempre existiu, não sendo apenas um problema da modernidade. Contudo, constatam-se mudanças em sua composição e nas suas formas de manifestação. Na sua pesquisa de mestrado sobre a violência no ambiente escolar Priotto (2011, p. 71) descreve várias maneiras de apresentação do fenômeno: violência doméstica, política, religiosa, criminal, simbólica, nas escolas, contra a criança, o jovem, o idoso, a mulher, o afrodescendente, entre outras. Como em diversos lugares do planeta, no Brasil, ela consiste em um dos produtos do sistema político/econômico injusto que contamina as atividades do sujeito social. Na raiz da injustiça, está um sistema socioeconômico baseado na desigualdade e na pobreza crescente para a maioria, enquanto uma minoria se beneficia do poder aquisitivo alto.

As causas da violência urbana[[4]](#footnote-4) variam conforme o lugar e os meios que favorecem sua perpetuação. É uma situação desconfortável e gera a sensação de insegurança nos grandes centros urbanos, nos quais os problemas sócio/econômicos são em grande escala e de difícil solução em curto prazo. O processo acelerado de urbanização e globalização vivenciado por muitas cidades tem gerado algumas consequências e, por isso, o tema tem feito parte dos discursos políticos, mas não necessariamente em forma de ações voltadas para a prevenção. Muito pelo contrário, o medo coletivo da população tem pressionado os órgãos de segurança pela segurança dos cidadãos e por uma punição mais severa dos agressores.

Em específico à violência no contexto escolar, o trabalho de pesquisa apresentado analisa a violência entre adolescentes no colégio do bairro Porto Belo na cidade de Foz do Iguaçu. O interesse pela temática surgiu a partir de situações vivenciadas no interior ambiente escolar, onde trabalhei pelo período de dois anos. Muitas eram as notícias divulgadas pela imprensa envolvendo adolescentes da região dois da cidade, além das situações de agressões físicas e verbais presenciadas no interior da instituição. Para tanto, foram realizadas entrevistas abertas e aplicado um questionário com adolescentes, professores, funcionários e moradores do bairro abordando o assunto em pauta. Buscou-se verificar, por meio de instrumento de pesquisa[[5]](#footnote-5) mista, as razões que induzem os alunos a se envolverem em conflitos no interior e entorno colégio estadual do Porto Belo. Além do aprofundamento teórico, para uma melhor exposição do fenômeno pesquisado, foram verificados registros dos livros Ata da instituição no sentido de melhor descrever como a violência *na, da* e *contra* a escola acontece no ambiente estudado.

**O cenário da violência e seus atores**

O colégio estadual do Porto Belo é responsável pelo segundo ciclo - 6º ao 9º ano do ensino fundamental; pela 1ª à 3ª série do ensino médio; e, pela educação de jovens e adultos (EJA). Na medida do possível garante o número de vagas suficiente para atender o processo de escolarização dos moradores no entorno da região. A instituição foi inaugurada, oficialmente, no dia 10 de junho de 1995, durante o governo de Jaime Lerner. Em síntese, é mantido pelo poder público estadual, administrado pela Secretaria de Estado da Educação (SEED), nos termos da legislação em vigor e pela Deliberação nº 16/99 – Conselho Estadual da Educação[[6]](#footnote-6).

Para melhor descrever as características dos sujeitos sociais estudados, foi necessário realizar algumas observações no interior e no entorno do colégio. Neste exercício, observa-se que parte significativa dos adolescentes se inspira em algum (a) amigo (a) com quem mais se identifica, pois existem grupos para cada atividade que realizam. No horário do intervalo (recreio), jogam basquete, tênis de mesa, outros jogam truco, alguns casais (namorados) ficam abraçados, mas sem beijos, pois não é permitido no espaço interno – se forem vistos, assinam registro na ata e os responsáveis são comunicados. Normalmente, toca o sinal para o retorno às salas e eles fingem não ouvir. Com frequência, uma das pedagogas precisa ir à quadra de esportes conduzir os demais para as salas de aula. Conversam em pequenos grupos do mesmo gênero, são alegres, ouvem música no celular e acessam a internet (redes sociais), entre outras ações.

As informações contidas na literatura (LEVISKY, 2000; GOMIDE, 2012; LISBÔA, 2006; SALES, 2013; PRIOTTO, 2011) referentes à adolescência pontuam que os indivíduos, nessa fase, se apropriam de trajes, acessórios e/ou linguagem como meio de afrontar/chocar a família (mais tradicional), que discorda do comportamento que adotam. Na verdade, no entendimento dos adolescentes, a família, a igreja e a escola são instituições repressoras, pois estão sempre determinando regras/convenções a serem adotadas. Neste sentido, a mídia brasileira influencia o comportamento desde a infância, pois repassa a imagem de que o famoso ou bem sucedido é feliz e, para ser feliz, é preciso ter fama, sucesso e dinheiro. O copiar o outro sugere um enfraquecimento da personalidade, pois, segundo Amélia Thereza de Moura Vasconcelos[[7]](#footnote-7), Psiquiatra da Infância e da Adolescência, “estamos diante de uma crise de valores onde perdemos a noção do limite entre o bom e o mal. São esses conceitos aprendidos que regem nosso comportamento a nível social” (2000, p. 138). Ainda conforme a autora, o processo educacional tem participação importante no sentido de repassar os valores da cultura. Professores e alunos devem fazer uma análise crítica dos programas televisivos.

**Fundamentação teórica**

Uma das obras mais utilizada para a fundamentação da temática da violência no ambiente escolar foi da professora e pesquisadora Elis Maria Teixeira Palma Priotto (2011) que sugere a união entre a segurança, a saúde e a educação para a criação de programas de atendimento aos alunos, cada um nas suas especificidades, considerando a diversidade local e incluindo os responsáveis e a comunidade escolar no sentido de amenizar os conflitos

Em específico ao contexto escolar, as reflexões elaboradas por Priotto (2011) sobre a violência escolar[[8]](#footnote-8), consistem em diversas manifestações entre os membros que compõem o contexto. A autora salienta que há um desnorteamento no que se refere aos termos violência e indisciplina, pois, em algumas situações, são usados como sinônimos no ambiente escolar. Segundo a autora, a indisciplina no interior da escola, oriunda a fatores externos, é um dos desafios enfrentados pela escola na atualidade. Pontua também, sobre os tipos de violência presentes no contexto:

A violência *contra* a escola é representada como atos de vandalismo, incêndios e destruição, roubo e furtos do patrimônio como paredes, cadeiras, carteiras, portas, cabos de fiação, cabos de telefone, materiais e equipamentos das instituições escolares; em relação à violência *da* escola, mostra-se todo tipo de práticas utilizadas pela instituição escolar que prejudicam os seus membros como: os fracassos escolares, falta de interesse em permanecer na escola, o conteúdo alheio aos interesses dos alunos e do mercado de trabalho, os preconceitos (racismo). A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar - abuso do poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autoridade por parte dos professores, diretores e supervisores (...); a violência *na* escola, em alguns casos, deve ser analisada como a violência *da* escola: o aluno agredir o professor ou usar forças ou não contra o professor, o diretor ou funcionário. Caracteriza-se numa violência gerada através da maneira como a instituição e seus agentes tratam em virtude de regras e normas estabelecidas (PRIOTTO, 2011, pp. 96-97).

Os adolescentes ouvidos nem sempre sabem definir por que se envolvem em conflitos, quebram regras, descumprem determinações, assim por diante. Alguns relatam que, muitas vezes, agem por impulso, ou seja, cometem atos impensados. Em específico ao contexto escolar, as reflexões elaboradas por Priotto (2011) sobre a violência escolar, consistem em diversas manifestações entre os membros que compõem o contexto:

A indisciplina, a expulsão, a intimidação, o ameaçar – abuso de poder baseado no consentimento que se estabelece e se impõe mediante o uso de símbolos de autor por parte dos professores, diretores e supervisão, como avaliação, atribuição de notas, entrega de boletins, marginalização, desvalorização da profissão de professor, sua insatisfação, indiferença, absentismo dos alunos, despreparo do profissional (reflexo do medo), falta de estímulos e interação entre educação continuada, discriminações diárias onde se destacam como situação que não envolva força, mas se caracteriza por ações de força (PRIOTTO, 2011, p. 97).

A mesma autora salienta que há um desnorteamento no que se refere aos termos violência e indisciplina, pois, em algumas situações, são usados como sinônimos no ambiente escolar. Segundo a autora, a indisciplina é um dos desafios enfrentados pela escola na atualidade. Contudo, reforça-se que não é interesse do presente trabalho abordar a discussão da indisciplina, e, para tanto, sugere-se alguns autores[[9]](#footnote-9) da temática, abordados na pesquisa realizada por Priotto (2011).

 Em linhas gerais, a indisciplina pode ser caracterizada como sendo a quebra de regras ou, até mesmo, a ausência delas. No ambiente pesquisado, observou-se: o não cumprimento do horário de entrada do turno da manhã – 7h 30min – para a primeira aula, em média, os alunos atrasam de 15 a 20 minutos; resistência ao uso do uniforme escolar; ausentar-se da instituição sem autorização (direção e/ou supervisão); não respeitar as normas descritas no regimento escolar, entre outros. Entretanto, a diferença entre os termos está em que a indisciplina prejudica, de maneira geral, o funcionamento do processo educacional e não diretamente o indivíduo. Já a violência praticada, para e com o outro, pode causar danos e/ou sofrimento ao próximo ou a algo que lhe pertence. Na verdade, ambas merecem atenção de todos os envolvidos no processo educativo, porém, a violência um pouco mais, por trazer consequências (física e emocional) ao desenvolvimento do sujeito (PRIOTTO, 2011).

Em relação aos conflitos entre os adolescentes, no ambiente pesquisado, existem registros nos livros Atas que, de certa maneira, são mais utilizados como punição do que como orientação. Contudo, merecem ser discutidos no sentido de demonstrar a amplitude e a complexidade dos episódios ocorridos na instituição escolar. Foram consultados três diferentes tipos de livros de registros (cada um específico para a situação): 1) Para os registros mais graves quando a Patrulha Escolar é acionada pela equipe pedagógica e/ou pela direção; 2) Para situações diversas que acontecem em cada turno entre alunos e/ou alunos/professores; 3) Específico por turma, no qual constam anotações individuais de cada aluno (atrasos, rendimento escolar, agressões, indisciplina, entre outros). Em ambos, constatou-se a violência *na, da* e *contra* a escola.

Na tabela abaixo são apresentados os registros mais frequentes encontrados nos documentos analisados[[10]](#footnote-10) (dos três turnos) na instituição escolar no ano de 2013 e início de 2014.

**Tabela 01. Registros dos livros Ata do colégio.**

|  |  |
| --- | --- |
| Descrição dos atos: | Quantidade: |
| Desacato ou agressão verbal do aluno para com o professor. | 31 |
| Agressões físicas e verbais entre alunos. | 29 |
| Danos ao patrimônio público causado por alunos. | 15 |
| Desacato e ameaça à pedagoga ou direção. | 09 |

Fonte: Tabela elaborada pela autora a partir das informações obtidas nos livros Ata do colégio.

Percebe-se, na tabela, que as agressões envolvendo os alunos predominam e os motivos apontados pelos entrevistados adultos para esse comportamento são as mais diversas da violência *na* escola. Os professores e funcionários entrevistados afirmaram ter presenciado algum tipo de agressão (física e/ou verbal) entre alunos e/ou entre aluno/professor no ambiente interno do colégio. As razões atribuídas pelos referidos interlocutores são de que a ausência de acompanhamento da família e a desestrutura da mesma facilita esse tipo de atitude, e que, às vezes, existe violência dentro de casa[[11]](#footnote-11). Assim, o aluno pensa que pode agir na mesma maneira no ambiente escolar. Conduta que desencadeia a falta de limites e de respeito para com os demais; houve quem relatou que o estresse do professor gera um descontrole de ambas as partes; um mencionou as ameaças que o professor recebe são preocupantes e frequentes; como também, o fato de o aluno estar sob efeito de entorpecente na escola; e, por fim, a rivalidade entre alunos por futilidades ocorridas na vida cotidiana deles, ou seja, fora da instituição.

Na verdade, o assunto violência no ambiente escolar deve ser abordado em várias disciplinas (português, história, sociologia, filosofia e ensino religioso[[12]](#footnote-12), entre outras), partindo da ideia de que é necessário um processo coletivo de todos os envolvidos na educação. Dessa forma, todos se sentirão responsáveis por criarem um ambiente saudável e seguro para o desenvolvimento da aprendizagem e ainda que

a violência está no cotidiano da escola e, nesta concepção, para trabalhar com o problema diário, tem que ter práticas pedagógicas, educativa como aprendizagem e reflexão por parte dos alunos, professores, direção, familiares e demais membros da comunidade escolar, todos com um mesmo objetivo de construir uma visão crítica sobre o assunto, para então propor alternativas concretas para superá-las (PRIOTTO, 2011, p. 152).

Em relação à violência *contra* a escola, há o outro lado dessa violência que é o desvio de verbas públicas, abandono dos prédios públicos, a péssima remuneração dos profissionais da educação, entre outros. Prédios pobres, sujos, degradados, onde ninguém quer estar – nem aluno, nem professor – por isso, o aluno que não tem estímulo se evade, seja desistindo, seja pulando o muro e indo embora mais cedo. Uma das precauções adotada pelo colégio foi aumentar o muro (mais 1 metro) após um ex-aluno pular e adentrar para matar outro que estava em sala de aula. Como também o atentado, em junho de 2012, contra a instituição como represália pela apreensão de uma moto, no portão de entrada, que perturbava o andamento das atividades escolares.

Entretanto, considerando toda a estrutura física do colégio, de maneira geral, na coletânea elaborada pelas autoras Westphal e Bydlowski (2010, p. 226), consta que a sensação é de desânimo e de que o esforço não vale a pena. A definição é de que a escola, atualmente, representa um lugar de reprodução de miséria. Contudo, a escola pode reverter a situação aproximando, criando saber, conhecimento, e abrindo a instituição para a comunidade, assim criará aproximação estabelecendo relações mais próximas, quem sabe assim, a destruição do patrimônio público diminuiria.

Neste sentido, no contexto escolar pesquisado, existem câmeras na parte administrativa, no refeitório e nos corredores das salas. Um dos problemas enfrentados pela direção do colégio é o desafio de conseguir manter a estrutura física em condições adequadas de uso, pois o vandalismo contra o patrimônio público (tabela 1) é considerado alto. Todo início de ano letivo são realizados reparos e, em pouco tempo (um bimestre), já se percebe carteiras e paredes riscadas, portas e fechaduras arrancadas, ventiladores e vidros quebrados, entre outros danos. No início de todo ano letivo é realizada uma conscientização, com todos os alunos, sobre a conservação da instituição, contudo, o difícil é fazê-los cumprir. A alternativa encontrada pelo colégio, para não arcar com as despesas extras, foi regimentar e quem danificar, o (a) responsável será chamado (a) e pagará pelo dano. Ressaltando que esta não é a realidade específica do ambiente pesquisado, mas da maioria das instituições públicas de ensino no país.

Quanto ao patrimônio público, os registros mais sérios são de bomba caseira, destruição de carteiras e de extintores. Por outro lado, as ameaças registradas de alunos para com os professores e direção podem ser consideradas graves. Nos livros Ata encontrou-se o seguinte conteúdo: “aqui dentro você manda, lá fora somos nós; a partir de amanhã sua vida será um inferno”; “cuidado por onde anda”, assim por diante. Essa ameaça corresponde ao registro de alunos que fotografaram o carro dos professores/direção no pátio e xingamentos (palavrões) à pedagoga.

De maneira geral, as situações mais difíceis enfrentadas na instituição, caracterizadas como violência *na* escola, acontecem no turno da noite, pois são alunos com idade mais avançada (18 a 36 anos) em comparação com os que estudam no período diurno. Cerca 10% dos alunos estão acima dos 25 anos. Vale ressaltar que os estudantes das primeiras séries do ensino médio são os que mais se evadiram[[13]](#footnote-13) (1ª série 31,91 %; e, a 2ª série, 39,13 % no ano de 2013). As razões são desconhecidas, pois não era interesse específico da presente pesquisa, mas pode-se caracterizar como a violência *da* escola (já mencionada anteriormente). Segundo informações obtidas na instituição, alguns não comparecem para estudar, e sim, para passear dentro do ambiente, namorar e vender/repassar cigarro, bebida alcoólica e/ou entorpecentes. Há um registro de que foi encontrado com um desses alunos, 120 gramas de maconha no interior da unidade escolar[[14]](#footnote-14).

Outro aspecto pontuado por Priotto (2011) no quesito da violência *na* escola é o *bullying*[[15]](#footnote-15) que se sobressai em relação à agressão física. No contexto pesquisado, existem situações de transferência do aluno para outra escola por medo e/ou porque recebeu ameaça e recusa-se a ir à escola. O que, a título de hipótese, quando não ocorre a transferência, há o abandono dos estudos. Conforme a mesma autora, “atitudes como ofender, ignorar, excluir, ferir e humilhar, sempre foram encontradas nas escolas públicas ou particulares”(p. 93). Ainda segundo a autora, o *bullying* é mais sério porque colabora para que a *“vítima”* isole-se, sinta-se insegura, e até mesmo, discriminada, o que, em alguns casos, também contribui para a evasão escolar[[16]](#footnote-16)·. Neste aspecto, existe muita reclamação por parte dos professores sobre a falta de respeito, dos alunos, para com eles.

Na concepção de Priotto (2011, p. 96), a violência *da* escola é uma reversão do que foi descrito, anteriormente, pois as práticas educativas adotadas pelo processo educativo são as que prejudicam os membros que a frequentam. Nos registros consultados, encontraram-se anotações referentes aos alunos de ambos os gêneros como: remanejado (a) de horário; fraco (a); desinteressado (a); apático (a); com baixo rendimento; não faz atividades, entre outros. Na verdade, são fatores que, a título de hipótese, podem colaborar para o alto índice de desistência/evasão dos alunos do noturno, principalmente, os trabalhadores. E, quando somados às práticas laborais (segundo informações obtidas no local), foi constatado que muitos deles trabalham com mercadorias oriundas do Paraguai e não existe dia certo para estarem na ativa, pois a facilitação da passagem do país vizinho para o Brasil, pelo rio Paraná, depende do rigor da fiscalização dos órgãos repressores ao contrabando na região de fronteira, por isso, se ausentam mais cedo da aula e/ou faltam muito, ficando difícil conciliar estudo/trabalho, acontecendo o desânimo e a desistência.

Um ponto que merece destaque na análise das entrevistas dos professores/funcionários refere-se ao tráfico de drogas na região. Para eles, a formação de gangues relacionadas ao tráfico, a convivência com a violência, a disputa de poder no esquema do tráfico e do contrabando, a rivalidade (Porto Belo/Califórnia), a facilidade de acesso às drogas ilegais e as situações mal resolvidas fora do contexto escolar são elementos desencadeadores dos conflitos envolvendo adolescentes no ambiente escolar. Fazendo referência a esse aspecto, ressalta-se, no momento, o artigo: Do Dinheiro e dos Homens no Tráfico de Drogas, da socióloga e antropóloga urbana Alba Maria Zaluar (2010). A autora menciona que o tráfico de drogas ilegais, mesmo tendo sido instituído como crime, “tornou-se uma atividade econômica transacional com conexões nos negócios legais e formais” (p. 162). Segundo a mesma autora, num país como o Brasil, as expressões corriqueiras “faz dinheiro fácil” e “tirar vantagem em tudo”, são adequadas à nova fase do capitalismo globalizado. Isto é, a sociedade brasileira passou a carecer de valores morais que, de certa maneira, colaboram para a superação de novos desafios.

**Resultados alcançados**

Alguns dados obtidos demostraram que o envolvimento de adolescentes do gênero feminino (25%) em brigas, é maior em relação aos do gênero masculino (21%). Parece que, no momento, a configuração é oposta a de décadas anteriores, nas quais os homens brigavam mais e as mulheres eram mais pacíficas. Porém, a situação sugere uma busca de equidade até mesmo no quesito violência. Por outro lado, dos 56 interlocutores que responderam as questões, apenas 15% assumiu ter brigado no espaço interno do colégio.

No que se refere aos registros dos livros Ata da instituição, o que mais predominou foi o desacato ou agressão verbal do aluno em relação ao professor (31 registros) e agressões físicas e verbais entre os alunos (29 registros). Em relação à violência no bairro pesquisado, 40% dos interlocutores declararam ter amigos que foram assassinados, na maioria, por envolvimento com o contrabando e/ou com o tráfico de drogas.

Estabelecendo-se um comparativo com a literatura pesquisada, conseguiu-se desmistificar dois mitos na região pesquisada: 1º) A maioria, dos interlocutores, mora com os pais, o que sugere a presença de ambos os membros em maior número das residências dos adolescentes; 2º) Viver na pobreza não significa um passaporte para a criminalidade. Neste sentido, é possível acreditar que, mesmo em meio a tantos conflitos violentos na região e no colégio (citados nas entrevistas), os adolescentes do Porto Belo demonstraram saber até onde devem ir, com quem andar ou o que devem falar. Como também, acreditam num futuro promissor ao confirmarem que querem seguir estudando para terem um trabalho bom, mesmo sabendo dos desafios que terão por viverem numa periferia.

**Considerações finais**

O principal ponto a ser destacado nas análises das entrevistas é o de que a violência no ambiente escolar pesquisado existe, gera insegurança, medo, estresse e, às vezes, impotência por parte dos professores e dos componentes do administrativo. São situações que causam desânimo para a realização da função com estímulo. Na verdade, entende-se que a violência no espaço escolar necessita de atenção especial para que todos os inseridos no processo ensino/aprendizagem possam juntos, encontrar possibilidades de enfrentamento do fenômeno e o ambiente torne-se mais prazeroso de ser frequentado.

Outro aspecto constatado foi a ausência de projetos na instituição de ensino que contemplem práticas educativas e não punitivas. Em relação a amenizar o fenômeno violência no espaço escolar, não há políticas sociais (esporte, lazer e saúde), muito bem pontuadas pelos interlocutores da pesquisa de campo, direcionadas aos interesses dos adolescentes do Porto Belo, pois, segundo os mesmos, não estariam ociosos, no contraturno, envolvendo-se com más companhias e com coisas erradas (usando drogas, por exemplo).

Portanto, compreende-se que algumas sugestões podem ser apontadas para diminuir os conflitos entre os adolescentes no ambiente escolar como: melhorias na estrutura física e na segurança de todos que frequentam o lugar; elaboração e implantação de projetos (equipe de saúde) direcionados para a valorização individual e coletiva dos membros da escola; cursos, no contraturno (teatro, dança, música, informática, pintura, etc.); ações educativo/culturais (competições esportivas, eventos festivos, feiras culturais, etc.) que colaborem com a aproximação de familiares e comunidade, entre outros. Contudo, sabe-se que a escola sozinha não será autossuficiente para efetuar as mudanças necessárias. É preciso o empenho e compromisso de todos com o processo educacional para que o espaço passe a ser um lugar com melhores condições psicossociais para aprendizagem e desenvolvimento saudável dos alunos e de todos que dele fazem parte.

**Referências Bibliográficas**

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)** (Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990). Brasília, Diário Oficial da união, 1990. Edição Reformulada.

LEVISKY, David Léo (Org.). **Adolescência e violência:** consequências da realidade brasileira. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** 3. ed. rev. e ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PRIOTTO, Elis M. T. Palma. **Violência escolar:** políticas públicas e práticas educativas no município de Foz do Iguaçu. Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS. **Índices de homicídios na adolescência [IHA]:** análise dos homicídios em 267 municípios brasileiros com mais de 100 mil habitantes. Brasília: Programa de redução de violência letal contra adolescentes e jovens (PERVL), 2009.

WESTPHAL, Márcia Faria; BYDLOWSKI, Cynthia Rachid (Edit.). **Violência & juventude.** São Paulo: Hucitec, 2010.

1. Este artigo foi apresentado no CONINTER 4 – Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades: fronteira e integração – estudos interdisciplinares na América Latina. Foz do Iguaçu/PR: UNIOESTE, 08 a 11 de dezembro de 2015, ISSN 2316-266X, n.4. [↑](#footnote-ref-1)
2. Mestre do Programa *Stricto Sensu* em Nível de Mestrado Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE, Foz do Iguaçu/PR. Especialização em Métodos e Técnicas de Ensino – UTFPR; e em Pré-Escolar Alfabetização - Faculdade de Ciências e Letras Plínio Augusto do Amaral. Graduada em Pedagogia – UFRN. Contato: irany\_52@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-2)
3. Dois elementos são apontados para a compreensão da violência, ela não é autoexplicável e pluricausal. Segundo Sales, Matos e Leal (2010), ela é estabelecida por determinações variadas e imbicadas, isto é, não há uma única causa para explicá-la. O Brasil possui elementos inéditos nos quais é possível verificar processos de intensificação de isolamento e solidão que atinge tanto a vida pública quanto a vida privada e excluindo os que vivem na condição de supérfluo, descartável. [↑](#footnote-ref-3)
4. A violência urbana é descrita pelo médico/pediatra Antonio Marcio Junqueira Lisboa “como um fenômeno gerado nos processos sociais que leva as pessoas, os grupos, as instituições e as sociedades a se agredirem mutuamente, a tomarem à força a vida, o psiquismo, os bens ou o patrimônio alheio, a violência é um dos problemas que mais aflige a humanidade. É um fenômeno universal” (LISBOA, 2006, p. 15). [↑](#footnote-ref-4)
5. Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE – Cascavel/PR - sob o Parecer nº 487.553, em 17de dezembro de 2013. [↑](#footnote-ref-5)
6. Dados obtidos no Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição. [↑](#footnote-ref-6)
7. Artigo: Violência e Educação. Levisky (2000, pp. 135-143). [↑](#footnote-ref-7)
8. No que se refere à violência escolar, Priotto (2011, p. 112) a define como “todos os atos ou ações de violência, comportamentos agressivos e antissociais, incluindo conflitos interpessoais, danos ao patrimônio público, atos criminosos, marginalizações, discriminações, dentre outros praticados por e entre a comunidade escolar (alunos, professores, funcionários, familiares e estranhos à escola) no ambiente escolar”. [↑](#footnote-ref-8)
9. CAMACHO, Luiza M. Y. As Sutilezas das Fases da Violência nas Práticas de Adolescentes. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27. N 1, p. 123-140, jan/jun. 2001; CALDEIRA, Suzana Nunes. Contribuições da Psicologia para o Estudo da Indisciplina na Sala de Aula. Estudos da Psicologia, Campinas, v. 18, n 1, p. 76-96, jan/abril, 2001; MARTINS, Eni de Fátima. Violência na Escola: concepção e atuação de professores. Dissertação de Mestrado. PUC, São Paulo, 2005. [↑](#footnote-ref-9)
10. Os livros de registros individuais dos alunos do 6º ao 9º (de 2013) do turno da tarde não foram encontrados para análise, portanto, não constam os dados na tabela. O que a título de hipótese, existem mais ocorrências, pois segundo informações da equipe da secretaria do colégio são as turmas mais agitadas devido ao significativo número de alunos repetentes e com distorção idade/série. [↑](#footnote-ref-10)
11. Um dos interlocutores (adolescente) relatou que a violência está também dentro de casa, na família e não só na rua. [↑](#footnote-ref-11)
12. Consta na matriz curricular do colégio o oferecimento de Ensino Religioso para os 6º e 7º anos do ensino fundamental, seguindo as orientações das Diretrizes Curriculares do Estado do Paraná. [↑](#footnote-ref-12)
13. Na pesquisa realizada por Priotto (2011), observa-se que a escola não é estimulante e nem atrativa, como também, que a educação não propicia garantias de um futuro melhor no sentido de melhoria de vida. [↑](#footnote-ref-13)
14. Segundo a Lei nº 9.294 (15/07/1996) - Art. 2o  É proibido o uso de cigarros, cigarrilhas, charutos, cachimbos ou qualquer outro produto fumígeno, derivado ou não do tabaco, em recinto coletivo fechado, privado ou público. § 1° Incluem-se nas disposições deste artigo as repartições públicas, os hospitais e postos de saúde, as salas de aula, as bibliotecas, os recintos de trabalho coletivo e as salas de teatro e cinema. Mais informações sobre a lei no site: http:// www.planalto.gov. [↑](#footnote-ref-14)
15. *Bullying* é originada da palavra inglesa *bully* que na forma de verbo indica a ação de ameaçar, intimidar. PRIOTTO (2011, p. 94). [↑](#footnote-ref-15)
16. Os dados obtidos são de 2012 onde a taxa de evasão foi 24, 3 % no Brasil. O relatório do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento – entre os jovens mais pobres, menos de um terço conclui o ensino médio no Brasil (htpps://[www.brasil.gov.br](http://www.brasil.gov.br/)). No Paraná, em específico, na região Oeste a evasão atinge um em cada 17 alunos. Conforme dados do IBGE (Censo 2010), em Foz do Iguaçu foi de 5, 63 % (http://[www.oparana.com.br](http://www.oparana.com.br/)) A evasão do ensino médio (noturno) no colégio pesquisado, em 2013, foi de 30,58 %. Muito acima dos demais índices apresentados. [↑](#footnote-ref-16)